ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

DIÁRIO ÍNTIMO: A ESCRITA DE SI EM LIMA BARRETO

Diário Íntimo: The writing itself in Lima Barreto

Gislei Martins de Souza[i]
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
João Correa Neto[ii]
Universidade do Estado de Mato Grosso

Resumo: Este trabalho consiste em refletir sobre a escrita autobiográfica de Lima Barreto (1881-1922) em sua obra *Diário Íntimo* (1969 [1953]). Debruçamo-nos nestes fragmentos confeccionados em retalhos e, sobre eles, faremos a captura de elementos que projetam a consciência literária do escritor entre o final do século XIX e início do XX. Trata-se de entendermos a forma como Lima Barreto projeta um olhar sobre a sua condição de escritor no universo carioca, revelando os percalços oriundos da situação sociocultural trazida com a voga do cosmopolitismo. Para sustentar nossa argumentação, baseamo-nos em estudos críticos (PRADO, 1993; SEVCENKO, 2003) que consideram as estratégias empregadas por Lima Barreto para ultrapassar os limites do passadismo literário. Além disso, norteamo-nos em estudos teóricos (LEJEUNE, 2008; MACIEL, 2004; OLMI, 2006) que refletem sobre a configuração da autobiografia na literatura.

Palavras-chave: *Diário Íntimo*, autobiografia, consciência literária.

Abstract: This work is a study of autobiographical writing Lima Barreto (1881-1922) in his book *Diário Íntimo* (1969 [1953]). We looked at these flaps made of fragments and, on them, we will design elements that capture the literary conscience of the writer of the late XIX and early XX centuries. It is understand how Lima Barreto designs a look at this condition as a writer in the Rio universe, revealing the pitfalls arising from the socio cultural situation brought to the vogue of cosmopolitanism. To support our argument, we drew on critical studies (Prado, 1993; Sevcenko, 2003) that consider the strategies employed by Lima Barreto to overcome the limits of literary tradition. Moreover, we base in theoretical studies (LEJEUNE, 2008; MACIEL, 2004; OLMI, 2006)that reflect on the configuration of autobiography in literature.

Keywords: *Diário Íntimo*, autobiography, literary conscience.

Este trabalho tem por finalidade investigar o *Diário Íntimo* (1969 [1953]),de Lima Barreto, de modo a problematizar as reflexões existenciais em seus fragmentos, como também a posição deste escritor na sociedade do seu tempo. A obra foi organizada por Francisco Assis Barbosa, futuro biógrafo do escritor, que a encontrou, mais de vinte anos depois da morte do escritor,na casa da irmã de Lima Barreto, Evangelina, a únicaque tinha o mesmo interesse cultural dele. Erampapeis que estavam fora de ordem devido à mudança feita por Evangelina do bairro de Todos os Santos para Inhaúma. Estas anotações foram compradas pela Biblioteca Nacional em 1949 e estão arquivadas, hoje, na Divisão de Manuscritos. O material de

Diário Íntimo esteve para ser publicado em 1926, pelo editor A. J. Pereira da Silva, que deixou a empreitada por considerá-lainconveniente.*Diário Íntimo* apresenta marcações cronológicas que abarcam os anos de 1900 a 1920 e foi publicado pela primeira vezno ano de 1953 pela Editora Mérito. Recebeu ainda uma nova roupagem em versão definitiva e aumentada pela Brasiliense.

Tratamos assim do olhar veraz, atento, flagrante e, acima de tudo, singular lançado sobre os acontecimentos do cotidiano a partir dos quais Lima Barreto mostrou as contradições que levaram ao silenciamento da história referente à cidade do Rio de Janeiro. Desta maneira, o escritor fez de sua materialidade literária um elemento que pudesse expressar a angústia vivida à época, diante do palco de ilusões criado com a voga da *Belle Époque*. Para tanto, é de extrema importância entendermos o perfil histórico da *Belle Époque*, que foi considerada os tempos de ouro e beleza. Novas invenções deixaram a vida mais fácil e dinâmica, a cultura europeia entrou para a história do Rio de Janeiro nesse período, de modo a modificar a vida da sociedade carioca.

Segundo Nicolau Sevcenko (2003), aconteceu no final do século XIX e início do XX uma das maiores revoluções no Brasil,tendo como palco, em particular, a cidade do Rio de Janeiro. Os fatores mais preponderantes eram as ondas de crise política que desestabilizavam o equilíbrio social e afetavam todas as classes cariocas, sobretudo as elites tradicionais. Com a queda do antigo regime imperial apareceram políticos com novos ideais para a população. Tratava-se de um grupo norteado pela ideologia republicana, mas que buscava "ajustar a ampliação local dos recursos pecuniários com a expansão geral do comércio europeu, sintonizando o tradicional descompasso entre essas sociedades em conformidade com a rapidez dos mais modernos transatlânticos." (2003, p. 40).

O *adesismo*à República foi imediato e maciço já nos dias imediatos à proclamação. Serão os "homens novos"da República, vindos à tona com a nova situação, que darão o tom geral para a ordem que se criava, marcando outro sistema de governo com o timbre definitivo do arrivismo sôfrego e incontido(SEVCENKO, 2003, p. 37). Conforme o processo de mudança ocorrido na sociedade carioca, automaticamente relacionado aos interesses políticos, muitos intelectuais se posicionaram como redentores da pátria tendo como meta fazer decolar uma imagem de credibilidade e progresso. Contudo, essa nova ideologia supostamente liberal fazia esconder a divisão da sociedade brasileira em sociedades distintas, a dos

pobres e preguiçosos e daqueles que trabalhavam para a regeneração da pátria.

A cidade do Rio de Janeiro abriu o século XX defrontando-se com perspectivas extremamente promissoras. Aproveitando-se de seu papel privilegiado na intermediação dos recursos da economia cafeeira e de sua condição de centro político do país, a sociedade carioca viu acumularem-se vastos recursos enraizados principalmente no comércio e nas finanças, mas derivando já também para as aplicações industriais. Com esse crescimento progressivo, o Rio de Janeiro teve uma tônica expressiva, em especial, as importações, praticadas por meio de cabotagem, no período de 1888 a 1906, tornando-se, assim, o maior centro cosmopolita do país. Com o aumento do comércio europeu no Rio de Janeiro, levantado pela nova república, houve a necessidade de organização dos hábitos e cuidados pessoaisda população, visto que esta não acompanhava o ritmo veloz do modelo novo.

Uma verdadeira febre de consumo tomou conta da cidade, toda ela voltada para a "novidade", a "última moda" e os artigos *DernierBateau*. Quanto a esse deslumbramento dos sujeitos frente aos produtos internacionais, trazemos um posicionamento de Lima Barreto em *Diário Íntimo*:

> Pelo ar, a poeira forma uma película vítrea que fulgura o olhar, e do solo, com reverbero, sobe um bafio de forja que oprime os transeuntes. Não há por toda a praça uma nesga sombra e as pessoas que saltam dos bondes, caminham apressadamente para a doçura amiga da Rua do Ouvidor. Vão angustiadas, e opressas, parecendo tangidas por ocultos carrascos impiedosas.(BARRETO, 1969, p. 1).

Conforme o fragmento inicial de *Diário Íntimo*, notamos a aglomeração de pessoas nas ruas, nas esquinas, próximas às joalherias; todas à procura de novidades do momento, fazendo com que o espaço fosse pequeno para tão grande especulação. Posteriormente, em virtude da grande demanda por causa da modernização, o espaço que o cais oferecia era pequeno no que diz respeito ao número de navios que traziam os produtos. Dentre os problemas oriundos da urbanização, a cidade possuía ruas estreitas e isto causava lentidão no trabalho, o que demonstrava características de uma urbe marcada pelo atraso. A película vítrea, mencionada na passagem de*Diário Íntimo*, torna-se uma metáfora referente ao deslumbramento dos transeuntes frente à paisagem moderna da cidade. Dessa forma, Lima Barreto tenta trazer uma imagem da sociedade de seu tempo ao mostrar como essa película, por sua vez,

impede que os sujeitos tenham uma percepção sobre os conflitos da época devido à embriaguez de ilusões em que estavam mergulhados.

Nas palavras de Sevcenko, acompanhar o progresso significava somente: alinhar-se com os padrões e ritmo de desdobramento da economia europeia, oqual foi considerado assombroso e de uma rapidez miraculosa. Conforme este teórico (2003, p.42), estava aberto o caminho para o desfecho inadiável desse processo de substituição das elites sociais: a remodelação da cidade e a consagração do progresso como meta coletiva fundamental. Com este quadro, a nova classe dominante, a burguesia, se gloriou com o rótulo de cosmopolita, já que se imaginava propulsora do progresso do país.

Outro crítico que trata desta questão é Antonio Candido (1989, p. 1),para quem a ideia de pátria se vinculava estreitamente à de natureza, e em parte extraía dela a sua justificativa. Ambas conduziam uma literatura que compensava o atraso material e a debilidade das instituições. O discurso de Candido revela que dada esta ligação "terra bela-pátria grande" não é difícil ver a repercussão que traria a consciência do subdesenvolvimento como mudança de perspectiva, que evidenciou a realidade dos solos pobres, das técnicas arcaicas, da miséria pasmosa das populações, da sua incultura paralisante. A visão resultante deste conjunto de fatores era pessimista quanto ao presente e problemática quanto ao futuro. Na relação entre tradição e modernidade, a ideia de projetar a imagem de transformação apagava a exclusão que existia em relação a toda classe pobre da cidade, na tentativa de deixar uma imagem nobre para os que ali circulassem, como também aos estrangeiros que chegavam ao país.

Dessa maneira, entre os mais diferentes escritores da época surgiu Lima Barreto, como crítico dos modelos importados, que deu início a uma das mais importantes obras de sua autoria, *Diário Íntimo* (1969 [1953]). Nos relatos fragmentados de*Diário Íntimo*, temos configurada a denúncia da miséria do povo fluminense que estava sob o domínio dos ideais burgueses, os quais deixavam à margem a população pobre da sociedade. Neste contexto, Lima Barreto deixou manifesta a sua indignação diante dos acontecimentos que se passavam no Rio de Janeiro na época. Em *Diário Íntimo*,Lima Barreto fez uma seleção de elementos que mostram sua vida confeccionada em retalhos, por meio dos quais a sociedade poderia ser compreendida:

> Eis a narrativa do que se fez no sítio de 1904. A polícia arrepanhavaa torto e a direito pessoas que encontrava na rua.

> Recolhia-as às delegacias, depois juntavam na Polícia Central. Aí, violentamente, humilhantemente, arrebatava-lhes os cós das calças e as empurravanum grande pátio. Juntadas que fossem algumas dezenas, remetia-as à ilha das Cobras, onde eram surradas desapiedadamente. Eis o que foi o terror do Alves; o do Floriano foi vermelho; o do Prudente, branco, e o Alves, incolor, ou antes, de tronco e bacalhau. (BARRETO, 1969, p. 13).

Barreto, de forma cautelosa, observa os acontecimentos ocorridos na cidade, entre eles os modos operacionais da polícia que, de acordo com os relatos do escritor, abusava do poder. Sem distinção das pessoas, os soldados faziam, à força bruta, a prisão de populares que circulavam pela cidade. Depois disso, de forma cruel, as pessoas eram colocadas em lugares como se fossem animais e, em continuidade, eram tratadas de forma obsoleta. Elementos preponderantes como estes, salientados em *Diário Íntimo,* são de grande relevância para explicitar a configuração da sociedade carioca frente aos ideais de expansão e progresso e, sobretudo, mostrar como Lima Barreto trouxe à tona a violência que se escondia por trás do cosmopolitismo. Com base nos retalhos deixados por Lima Barreto em*Diário Íntimo*, estudiosos não só fazem ideia da projeção literária da obra deste autor como podem compreender as questões sociaisenvolvidas no cenário.

Diante desses apontamentos, Susan Sontag (1986), ao escrever um ensaio sobre memórias, expressa de forma incisiva que é possível interpretar a vida de um autor a partir da sua obra. A comprovação desses registros é revelada quando ela estuda e interpreta a vida de Walter Benjamim:

> Benjamin se projetou em todos os seus principais temas, e neles se projetava seu temperamento, que determinava suas escolhas [...] Pois, apesar da posição polêmica de seu grande ensaio sobre *As afinidades eletivas* de Goethe contra a tendência a interpretar a obra de um escritor através de sua vida, utilizou de forma seletiva a biografia em suas mais profundas meditações sobre os textos [...]. Não se pode interpretar a obra a partir da vida. Mas pode-se, a partir da obra, interpretar a vida. (SONTAG, 1986, p. 86-87).

Lima Barreto constrói a narrativa de *Diário Íntimo* com base nas experiências vivenciadas na sua trajetória pelo Rio de Janeiro. De bonde ou por outros meios de locomoção, o escritor percorreu todas as instâncias da cidade carioca,questionando e observando com seu olhar investigador na tentativa de resgatar seu "eu"saturado pela indiferença social. Tais elementos colhidos pelo olhar eram dos mais triviais aos mais expressivos: "Amanhã, hoje, ontem, fatídicas palavras com o mesmo significado. Tédio,

consequência da miséria."(BARRETO, 1969, p. 44). Lima Barreto avalia sua existência de forma sombria, pois usa o presente, passado e futuro, revelando que a tristeza é o que há de mais próximo ao seu ser. Todas as rotas da vida se dão na contramão, a sociedade pobre segue em um labirinto cíclico, que sempre começa e finaliza com a perpétua dor:

> Dolorosa vida a minha! Empreguei-me a 6 meses e vou exercendo as minhas funções. Minha casa ainda é aquela dolorosa geena pra Minh' alma. É um mosaico tétrico de dor e de tolice. Meu pai ambulante, leva a vida imerso na sua insânia. Meu irmão C..., furta livros e pequenos objetos para vender. Oh! Meu Deus! Que fatal inclinação desse menino! Como se tem difícil reprimir a explosão. Seja tudo que Deus quiser! A Prisciliana e filhos, aquilo de sempre. Sem a distinção da cultura nossa, sem o refinamento que já conhecíamos, veio em parte talvez prender o desenvolvimento superior dos meus. Só eu escapo! (BARRETO, 1969, p. 7).

Neste fragmento, compreendemos todoo sofrimento presente no desvelar do escritor e a agonia enfrentada na vida, sem condições de dar suporte à família. O escritor não consegue conter-se diante de tantas agruras que a vida lhe oferece, então, usa de forma silenciosa o papel e a tinta para expor os problemas, por exemplo: a enfermidade do pai sem esperança de cura, o irmão que só arquitetava malandragem, a irmã com tantos filhos, enfim, o escritor se cala e no silêncio da sua melancolia expõe as frustrações enfrentadas na vida. Lima Barreto considera o seu lugar de descanso como um verdadeiro "mosaico tétrico". Para ele, não há local pior que sua casa em virtude do horror e do lúgubre, que constrói a imagem de um luto perpétuo vivido pelo escritor.

O autor não utiliza um método para que o registro cotidiano em *Diário Íntimo* ganhe uma perspectiva sequencial dos fatos. Há apenas uma coleta de dados não linearizados em que o escritor seleciona aquilo que seja relevante para se tornar objeto de reflexão. Carmem Lucia Negreiros de Figueiredo (2007) sustenta com muita propriedade que:

> Tornar significativo um conjunto de registros fragmentários implica propor uma leitura do cotidiano e da História que, longe de uma descrição paulatina, linearizada e cronológica dos acontecimentos, recolhe os discursos, as promessas, mas também as confidências e o silêncio reticente que pode vir das esquinas, dos becos, da massa anônima. Quem fala – um intelectual – e de onde fala tornam instigantes esses fragmentos em que predomina a observação, no lugar do senso prático da experiência vivida. (FIGUEIREDO, 2007, p. 85-86).

Os resultados alcançados por Lima Barreto em *Diário Íntimo* demonstram uma investigação minuciosa do cotidiano carioca. A sucessão linear do tempo não está configurada nesta obra pelo fato de que nem todos os acontecimentos foram anotados ou foram dignos de formar um determinado conjunto de ideias. Os elementos que se salvam são apenas os que podem desenvolver conhecimentos e que sirvam de elemento para lembrar a história referente à cidade do Rio de Janeiro.Em seu caminhar pelo circuito citadino, Lima Barreto mergulhou num labirinto de miséria na tentativa de observar tudo o que havia em torno de si, como aconteceu certa vez em que foi até São Gonçalo e algumas cidades circunvizinhas a esta:

> As neves não tiveram, para os meus olhos, nada de notável. Têm o aspecto comum dos nossos postos afastados e edificados. Casas baixas, pintadas de azul, de oca; janelas quadradas; espessas escadas de tijolos e pedras, que dão acesso a portas baixas; fisionomias indolentes de homens pelas portas das vendas; mulheres negras, brancas e mulatas – tristes, de longos olhares, em que há desejos de volúpias e sonhos de festas, de bailes, fantásticos, de envolvedoras agitações de todo o corpo, capazes de as fazerem esquecer e quebrar a monotonia daquela vida pobre e triste que levam, tão parecida ainda com a senzala, em que o chicote disciplinador de outrora ficou transformado na dureza, na pressão, na dificuldade do pão nosso de cada dia (BARRETO, 1969, p. 56).

O escritor, como vemos, não diminuiu sua crítica em relação às pequenas cidades por onde passou, conforme sua observação quanto à arquitetura das construções. Ele formula um paralelo entre as casas em ruínas e as pessoas que seguem o mesmo itinerário nebuloso, no qual a tristeza envolve todo o lugar e, sobretudo, a cidade que reflete uma verdadeira senzala moderna perpassada pelo lúgubre. Sob essa atmosfera de ilusões, Lima Barreto fez de sua escrita autobiográfica um lugar para desenhar a paisagem trágica do Rio de Janeiro. O panorama sombrio ampliado na visão de Barretosugere, cada vez mais, que a população carente teve de migrar para os lugares afastados do centro, os subúrbios. Dessa maneira, todos estes aspectos negativos promoveram na sociedade pobre um gesto de abandono e dor, pelo qual seria impossível sua localização dentro de uma sociedade elitizada.

Elencadas essas observações, Lima Barreto singulariza na escrita autobiográfica de*Diário Íntimo* os conflitos decorrentes de uma subjetividade que não aceitava as condições sociais nas quais estava circunscrita. Este escritor registrou, flagrou, anotou e criticou tudo o que aconteceu na vida cotidiana daquele período, como se fossem inúmeros

quadros pintados que surgissem em*Diário Íntimo* ou mesmo feridas incuráveis na alma. Por trás disso, reside o drama social relacionado à forma negativa de se conduzir a política. Ainda, o escritor consagra um espaço para figurar em *Diário Íntimo* um posicionamento a favor daqueles que eram simplesmente excluídos e oprimidos:

> Um progresso! Até aqui se fazia isso sem ser preciso estado de sítio; o Brasil já estava habituado a essa história. Durante quatrocentos anos não se fez outra coisa pelo Brasil. Creio que se modificará o nome: estado de sítio passaráa ser estado de fazenda.
> De sítio para fazenda há sempre um aumento, pelo menos no número de escravos (BARRETO, 1969, p. 12).

No fragmento acima, o escritor usa um tom irônico para revelar um progresso perverso, cheio de contradições e com intenções desfavoráveis à sociedade pobre. Percebemos ainda a neutralidadeimposta pelos poderosos, como também uma burguesia baseada em um regime totalmente oligárquico. Pensando assim, percebemos uma modernização forçada e liderada pelos literatos que maquiavam os problemas que assolavam a sociedade pobre. Este processo aparentemente civilizatório, de ácida retórica sedutora, contradiz o modo como Barreto buscou figurar a sociedade do seu tempo, uma vez que o escritor se mostra indignado pela forma literária empregada pelos escritores daquele período. Segundo AntonioArnoni Prado (1993, p. 611, grifo nosso):

> No outro extremo, os registros de Lima Barreto na solidão do *Diário* mostram a revolta intelectual do mulato pobre do subúrbio que se recusa a reproduzir o estilo afetado dos literatos da época, em nome de uma solidariedade de classe [...] Lima Barreto faz do *Diário Íntimo* uma espécie de metáfora do auto-exílio, de onde sairão depois os espectros que cortarão por dentro o ufanismo do sistema [...], o sentido documental de sua obra dá aos seus livros um sabor de **reportagem itinerante que vasculha o cotidiano da periferia em busca da dignidade humana dos miseráveis a quem se alia em compromisso de honra.** A essa atitude, que chama de militante por inspiração de Tolstói e Guyau, juntam-se a obsessão antiacadêmica e a angústia da marginalização que **dão ao plano geral de seu projeto um tom marcadamente autobiográfico em que o ressentimento fecunda a revolta e afina o sarcasmo**.

Lima Barreto apresenta uma escrita metafórica não apenas nos romances ou crônicas, mas também na sua escrita autobiográfica. Essa escrita marginal quebra todo o viés ufanista projetado pelos literatos, pois invade a periferia apontando a realidade que estava silenciada. Os elementos se cruzam no papel, na luta pelo espaço literário, visto que o pensamento militante desconstrói o nacionalismo retórico da classe

dominante.Prado refere-se a uma guerra produzida na história e transferida para o papel. O teórico argumenta que Lima Barreto não aderiu à forma dos literatos, poisa sua escrita continuou simples e corriqueira. De forma contundente, Lima Barreto participou intensamente de uma peregrinação investigativa pelos subúrbios no objetivo de fomentara luta contra o academismo e a marginalização. Lima Barreto levanta uma séria atribuição negativa ao estilo pregado pelos literatos, devido ao falseamento do real pelo emprego de uma linguagem encantadora que, segundo Prado, maquiou os conflitos oriundos da época:

> Ontem passei o dia em casa. Um dia bom. Folheei os meus livros, cortei os artigos dos jornais franceses e preguei-os de encontro à lídima prosa de Rui Barbosa. É um perfeito retórico esse tal Rui, glória do Brasil e honra da América do Sul. Pelos 16 a 20 de novembro, ele publicou uma carta na *Tribuna*, fazendo considerações sobre os acontecimentos de 14 e 15. Havia o seguinte: ele dissera que a noite de 14 fora prenhe de ameaças, mas que a providência divina, protegendo Brasil, permitira que a manhã de 15 fosse clara, radiante e azulada como convinha a uma manhã cheia de boas novas...Entretanto, choveu muito na tal manhã, que foi feiíssima, haja visto o testemunho dos que viveram e viram. Como a retórica exigia, lá vai pura, azulada e radiante. (BARRETO, 1969, p 31).

Na expressão de Lima Barreto percebemos a crítica que ele faz a Rui Barbosa em virtudeda falta de veracidadepor parte deste escritor na projeção da história sobre a proclamação da República. Lima Barreto, por sua vez, julga este literato como um verdadeiro cosmopolita na medida em que camufla a realidade para transmitir uma imagem positiva do nosso país aos olhos da cultura estrangeira. Tendo em vista que o dia 15 foi terrível, Lima Barreto não se prende simplesmente na sua visão enquanto observador, pois recorre aos populares que presenciaram os fatos fazendo o papel de escritor-jornalista que relata acima de tudo as conjunturas da proclamação.

Segundo Prado (1993, p. 21), a visão da retórica entre "extraordinária mentira" e artificialismo estilístico estimula Lima Barreto à opção de fugir dos "literatos solenes e respeitados" e de destruir o universo em que eles se moviam. Rui Barbosa faz uso de uma linguagem totalmente refinada, em um momento tão sério que foi a véspera da proclamação. Contrário a isto, Lima Barreto foi considerado como um escritor marginal no tempo em que escreveu *Diário Íntimo*, em virtude da defesa daqueles que estavam excluídos da sociedade, representantes máximo da raça negra e do pobre, a qual em tempos não muito remotos

havia sido abolida da escravidão, mas sofria ainda com grandes repreensões oriundas de uma política predatória. O escritor narrou os fatos como se estivesse olhando em um espelho e refletindo a si mesmo, no entanto,havia o reflexo claro dos conflitos resultantes da introdução dos valores europeus em nossa sociedade. Trata-se, assim, de uma estratégia para desnudar o momento agônico por que passou o Brasil sem uma reflexão sobre a realidade do capitalismo baseada na exploração.

Sheila Dias Maciel (2004) afirma que a narrativa em formato de diário está vinculada às formas autobiográficas, que são escritas em primeirapessoa. Nesse sentido, cria-se uma ilusão de que o narrador não se subordina nem ao passado nem ao futuro, mas à presença veemente do cotidiano. Conforme os fatos vão acontecendo, eles são relatados, pois a retrospectiva no diário ocorre em um tempo mais curto. Como acontece em*Diário íntimo*, Lima Barreto até se lembra de algo significativo no passado, mas o que percebemos é o flagrante no calor do momento, como no fragmento a seguir:

> Hoje, à noite, recebi um cartão-postal, há nele um macaco com alusão a mim e, embaixo com falta de sintaxe, há o seguinte:
> "Néscios e burlescos serão aqueles que procuram acercar-se de prerrogativas que não tem. M".
> O curioso é que o cartão em si não me aborrece; o que me aborrece é lobrigar se, de qualquer maneira, o imbecil que tal escreveu tem razão.
> "prerrogativas que não tenho"...
> Ah! Afonso! Não te dizia...
> Desgosto! Desgosto que me fará grande. (BARRETO, 1969, p. 33).

Nesta ocasião Lima Barreto é ferido, chamado de louco e ridicularizado por seus opositores, por ter consciência de sua escrita. O fato de ser considerado como macaco ou louco não interfere de forma alguma na sua intelectualidade, o que lhe aborrecia era o tempo que demoraria para ser reconhecido como um grande escritor. Lima Barreto, no seu flagrante do cotidiano, revela a maneira cruel que as autoridades usavam para repreender aqueles que eram considerados culpados por algum tipo de delito ou, até mesmo, inocentes que vagavam pela cidade:

> É notório que aos governos da República do Brasil faltam duas qualidades essenciais a governos: majestade e dignidade. Vimos durante a mazorca um ministro, o da guerra, e um general, o Piragibe, darem ordens de simples inspetores em altas vozes e das sacadas de duas Secretarias de Estado. Eis a narrativa do que se fez no sítio de 1904. A polícia arrepanhava a torto e a direito, pessoas que encontrava na rua. Recolhia-as às

> delegacias, depois juntavam na polícia central. Aí, violentamente, humilhantemente, arrebatando-lhes os cós das calças e as empurrava num grande pátio. Juntadas que fossem algumas dezenas, remetia-as a ilha das cobras, onde eram surradas desapiedadamente. Eis o que foi o terror do Alves (BARRETO, 1969, p. 13).

Por ser considerado um elemento íntimo, que supostamente não pode ser lido por outros, em*Diário Íntimo* o autor anota o que está relacionado à sua vida, principalmente as grandes dúvidas do cotidiano, os desejos, as frustrações, em suma algo que não se poderia tornar público. Nesta narrativa, o escritor fluminense é envolvente ao configurar os retratos da cidade recorrentes no discurso da população, bem como a ordem política que fazia uso abusivo da violência.

Philippe Lejeune (2008, p. 14) definiu a autobiografia como uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz da própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade. A autobiografia pressupõe a veracidade dos fatos e o compromisso com a realidade. Lejeune (2008) faz uma reflexão sobre a questão da identidade assumida pelo autor ao empregar o nome próprio, como também quanto ao uso de pseudônimos. Este é simplesmente uma diferenciação, um desdobramento do nome, que não muda em absoluto a identidade:

> É, portanto, em relação ao nome próprio que devem ser situados os problemas da autobiografia. Nos textos impressos, a enunciação fica inteiramente a cargo de uma pessoa que costuma colocar seu nome na capa do livro e na folha de rosto, acima ou abaixo do título. É nesse nome que se resume toda a existência do que chamamos de autor que produz a autobiografia. Única marca no texto de uma realidade extratextual indubitável, remetendo a uma pessoa real que solicita, dessa forma, que lhe seja, em última instância, atribuída a responsabilidade da enunciação de todo o texto escrito. Em muitos casos, a presença do autor no texto se reduz unicamente a esse nome, mas o lugar concedido a esse nome é capital; ele está ligado por uma convenção social, ao compromisso da responsabilidade de uma pessoa real (LEJEUNE, 2008, p. 23).

Como bem defineLejeune (2008, p. 23), um autor é uma pessoa que escreve e publica. Inscrito a um só tempo no texto e no extratexto, ele constitui a linha de contato entre eles. O autor se define como sendo simultaneamente real, socialmente responsável e produtor do discurso. Para o leitor que não conhece a pessoa real, embora creia em sua existência, o autor se define como o sujeito capaz de produzir aquele discurso e de imaginá-lo com base nas experiências vividas, o que vem a

estabelecer o pacto autobiográfico. Para compreender a responsabilidade do autor perante uma autobiografia é necessário saber que o narrador se posicionaa respeito de si e da realidade diária de forma pessoal.

Alba Olmi (2006, p. 32) comenta que se partirmos do pressuposto de que a própria vida é umanarrativa, não podemos deixar de reconhecer como ela está incessantemente entrelaçada com outras narrativas, com as histórias que narramos ou que são narradas das mais diversas formas, com as histórias que sonhamos ou imaginamos, ou que gostaríamos de poder narrar:

> Para Proust, a memória devia ser como uma corda vinda do céu para salvaguardá-lo do abismo do não ser, abismo do qual ele jamais teria escapado, não fosse à memória. Segurar o tempo que passou para segurar-se, para juntar o que sobrou, para não perder-se, é assumir uma disciplina que, organizando fragmentos, inventa quem somos e quem fomos (OLMI, 2006, p.28).

Na perspectiva de Olmi, o ponto de vista de Proust apresenta como a memória é importante para desempenhar a busca de fragmentos que deem significado a um presente disperso. Nesta relação de escolha seletiva e organizada, que estabelece o papel de descoberta, se afirma o compromisso do escritor com a realidade. Lejeune (2008, p. 26-27) fez um esquema referente ao funcionamento do pacto autobiográfico, que, segundo ele, dirige-nos diretamente ao nome do autor inscrito na capa do livro. O teórico afirma que a identidade do nome entre autor, narrador e personagem pode ser estabelecida de duas maneiras: implicitamente, na ligação autor/narrador, no momento do pacto autobiográfico, uma vez que o uso do título não deixa transparecer nenhuma dúvida quanto ao fato de que a primeira pessoa remete ao nome do autor. A outra é pela seção inicial do texto em que o narrador se compromete com o leitor, ao se comportar como o autor, de maneira que aquele não tenha dúvida de que o "eu" significa o nome que está na capa do livro.

Na esfera de diário ou autobiografia, a memória exerce o papel principal, pois está inteiramente ligada aos fatores sociais. Por isso, recordar é ao mesmo tempo uma das formas mais importantes de declarar nossa aproximação íntima em relação ao meio público e familiar, mantendo fidelidade aos grupos sociais. Segundo Olmi, a memória tem o papel absolutamente essencial no sentido de garantir a sobrevida da comunidade humana. Nela, o poeta tem a tarefa de difundir conhecimentos essenciais, de fazer lembrar o passado a fim de transferir valores perenes. Já na consideração de Maciel (2004), a memória não é

apenas um conjunto de imagens fixas que devemos compreender ou transmitir, mas algo que retorna para repetir um caminho que nunca foi trilhado. A memória pode dar visibilidade ao passado ao qual determinado sujeito pertence, de modo a fornecer a direção de atitudes, crenças, descrenças. Isso coloca o sujeito na posição de narrar, atribuindo significados à vida.

Nas páginas de *Diário Íntimo*, o escritor não economizou comentários sobre grandes pensadores como: Balzac, Flaubert, Taine, Gaultier, Eça de Queiroz, Castelo Branco, Schopenhauer, Nietzsche, Haeckel, Dostoiévski, Shakespeare, dentre outros. Perante o vasto conhecimento de Lima Barreto, percebemos que a sua trajetória de pesquisador percorreu desde os recortes de tiras de jornais, como também artigos de revistas, obras clássicas da literatura universal, fatos cotidianos, etc. Tendo como campo das ideias o *Diário Íntimo,* consideramos que o escritor registrou minuciosamente todos os desejos e frustrações causados pelas intempéries da vida para operar em coletividade dentro do meio social brasileiro. Neste circuito, o leitor visualiza como o escritor esteve comprometido com a realidade vivida por meio do pacto autobiográfico. Vale ressaltarmos que o material escrito em*Diário Íntimo* é nobre e de um valor histórico expressivo, cuja expressão no formato literário deixa uma forte denúncia em relação à política exercida contra aqueles que não tinham voz.

A obra *Dário Íntimo* de Lima Barreto mostra o furor da modernidade imposto pela classe dominante após a queda do Antigo Regime. Este escritor, por sua vez, sentia na evolução modernizadora da burguesiauma iniciativa que era favorável somente para os que faziam parte da classe elitizada. Sevcenko (2003) comenta que o processo de modernização aumentou com a chegada de estrangeiros que vieram de várias partes do mundo para estabelecer-se no Brasil. Isto forçou o novo regime a caminhar seguindo os gestos da Europa, sobretudo da França, que na época julgava-se como modelo universal. Este plano moderno condicionava a população a ficar extasiada por causa das inovações que chegavam ao Rio de Janeiro. Os retalhos deixados por Lima Barreto apresentam uma real descrença quantoà nova sociedade que se formava, pois a modernização era duvidosa na medida em que só alcançaria uma parcela do povo carioca, isto é, a elite.

Referências

BARRETO, Lima. *Diário íntimo*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1969.

CANDIDO, Antônio. Literatura e subdesenvolvimento. In:_____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. O arquivo e o olhar: da vida literária à rede de imagens culturais. *Matraga*.Rio de Janeiro, v.14, n.21, jul./dez. 2007.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*: De Rousseau à Internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MACIEL, Sheila Dias. A literatura e os gêneros confessionais. In: _____; et al. *Em diálogo*: estudos literários e lingüísticos. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

OLMI, Alba. Memória autobiográfica e pensamento narrativo. In:_____. *Memória e memórias*: Dimensões e perspectivas da literatura memorialista. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

PRADO, Antônio Arnoni. *LimaBarreto*: o crítico e a crise. Rio de Janeiro: Cátedra, Brasília, INL, 1976.

_____. Nacionalismo literário e cosmopolitismo. In: PIZARRO, Ana (Org.). *América Latina:* palavra, literatura, cultura. Campinas, SP: Unicamp, 1993. v. 2.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural da Primeira Republica São Paulo –: Brasiliense, 2003.

SONTAG, Susan. *Sob o signo de Saturno.*Trad: Ana Maria Capovilla e Albino Poli Jr. Porto Alegre; São Paulo: L & PM, 1986.

[i]E-mail da autora: gisleimsouza@hotmail.com
[ii]E-mail do autor: vitorj2010@hotmail.com